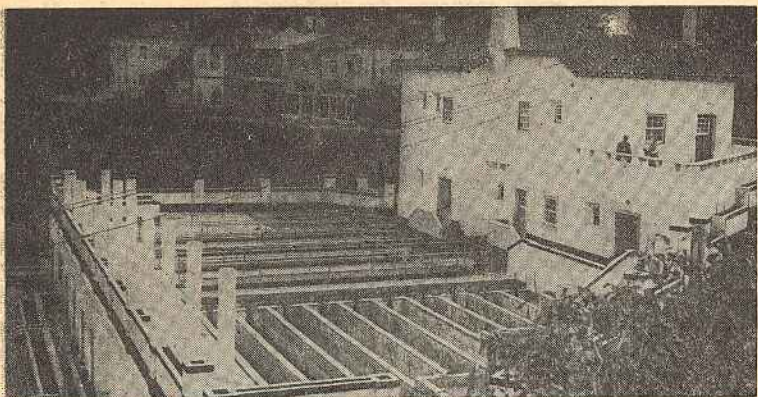




CAMPELO

FEIRÓ VINHOS

ANO X — (III Série — N.º 102)
AGOSTO-SETEMBRO - 1979

Director: P.º MANUEL VENTURA PINHO
Propriedade da Igreja Paroquial

Publicação mensal



PORTE
PAGO

Redacção e Administração:
R. da Cadeia — 3260 Figueiró dos Vinhos

Edição, Comp. e Impres.
«Gráfica de Coimbra»

Telefone 42395
(Figueiró dos Vinhos)

PERIÓDICO REGIONAL DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

Fala um médico

O Dr. Lúcio Anes, de Évora, escreveu para «A Defesa» um interessante apontamento sobre o aborto terapêutico. Citamos:

— «O aborto, de um modo geral, tem sofrido a condenação das pessoas de bem e das pessoas com responsabilidade.

Quanto ao aborto terapêutico, tem havido por parte dessas pessoas algumas hesitações. Manuela Eanes, foi uma dessas pessoas que condenou o aborto como um crime, mas admitiu a excepção do aborto terapêutico.

O que é o aborto terapêutico?

É o aborto praticado com a finalidade de proteger a vida ou a saúde da mãe, ou até de evitar que o bebé venha a nascer com deformações.

O caso mais frequente do aborto terapêutico é o que se pratica quando a mulher grávida, com menos de 3 meses de gestação, é acometida de rubéola. Porque em muitos casos a rubéola provoca deformações mais ou menos graves no bebé que irá nascer, recorre-se ao aborto chamado terapêutico, isto é, mata-se o feto com receio de que ele venha a nascer defeituoso.

Outro caso antigamente muito frequente era o da morte provocada do feto, na ocasião do parto para o poder tirar de dentro da mãe.

Temos que afirmar, doa a quem doer, que as pessoas que aceitam o aborto terapêutico dão provas, não de sensatez, mas de insensatez, e ao mesmo tempo de profunda crueldade de alma.

Se não se tem escrúpulos de matar um ser vivo, com finalidade terapêutica que seja, porque não se espera, a ver se o bebé sai escorrido ou não? Na rubéola da gestante acontece, muitas vezes, que o feto nada sofre. Porque se mata o feto, sem se ter a certeza se ele está ou não afectado? E, moralmente, perante Deus, matar o feto dentro do útero ou matá-lo cá fora, é igualmente um crime condenado pelo 5.º mandamento: «Não matarás».

Mas é ainda mais um sinal de profunda crueldade de alma, que se admita o aborto com finalidade terapêutica. Porquê?

O feto dentro do ventre da mãe é ou não tão filho como uma criança já nascida?

São ambos objecto dos mesmos deveres e sentimentos maternos.

Ora, vou pôr à consideração dos leitores os seguintes casos:

(Continua na pág. 3)

Amigos do jornal

Recebemos até 14-8-79 os seguintes pagamentos de assinaturas que agradecemos:

350\$00 — do sr. Maviel Rodrigues Lourenço — U. S. A.;

260\$00 — do sr. Fernando Gonçalves — U. S. A.;

240\$00 — do sr. José Alves — New Bedford — U. S. A.;

200\$00 — dos srs. António Nunes da Costa — Brasil, Joaquim do Rosário Vaz — Lisboa, Amaro Francisco Lourenço — Lisboa, Vítor Fernando Loja Lourenço — Lisboa, Isalino Ferreira Henriques — Bobadela e Germano de Sousa Martinho — Odivelas;

150\$00 — dos srs. Manuel Pereira Mendes — Lisboa, José Pedro Lucas — Brasil, D. Auzília das Dores Alves — Lisboa, António Carvalho Rosinha — Lisboa, Vítor Manuel Henriques Tomás — Lisboa;

100\$00 — dos srs. Porfírio dos Santos Coelho — Damaia, Joaquim Arinto Simões — Montijo, José Ferreira Lourenço — Lisboa, Mário Rodrigues Marques — Amadora, Manuel Henriques Marques — Lisboa, Guilherme Rodrigues Marques — Amora, Américo Simões — Lousã, José Rodrigues Dias — Lisboa, Vítor Rosa dos Santos — Lisboa, José Barata Fernandes — Loures, Luís António Mitreiro — Belas A-da-Beja, D. Iva dos Santos Reis — Faro, D. Deolinda da Graça de Deus — Ovar, Joaquim Maria Pereira — Lisboa, Manuel Nunes Martins — R. St.º António — Lisboa, João Manuel Lopes Abreu — Lisboa e Manuel da Conceição Carvalho — Eiras;

70\$00 — dos srs. José dos Santos Simões — R. Cidade de Luanda — Pontinha e José Tomás Pedro — Alge;

60\$00 — do sr. Abílio Simões Rodrigues — Campelo;

50\$00 — dos srs. António da Piedade Júlio — Damaia, José da Piedade Júlio — Damaia, Manuel Júlio — Torgal, Aurélio das Dores Carvalho — Lisboa, Albano Pereira dos Santos — Pé de Ingote, José Dias António — Torgal, Vítor Granada — Figueiró dos Vinhos, Alice Rosa Pereira — Carregal Fundeiro, Jorge dos Santos — Amadora, Arminda da Conceição Santos Ladeira — Campelinho, António Dinis — Singal e João Sousa Cardoso — Lisboa.

CONTAS

Receita	230 679\$80
Despesa	230 121\$90
Saldo positivo ..	557\$90

Estas contas não incluem obviamente o presente número. Como vêem o saldo positivo é pequeno e convém que todos os assinantes ponham as suas contas em ordem. Este ano não podemos enviar avisos de contas em atraso.

NEUTEL SIMÕES DE ABREU

De seu nome completo Neutel Martins Simões de Abreu, este insigne militar nasceu na Várzea Redonda — Figueiró dos Vinhos, a 3 de Dezembro de 1871.

A sua acção foi desenvolvida em Moçambique em ordem à ocupação pelos portugueses de todos os seus distritos. Desde Julho de 1900, comandou o Posto Militar de Monjiquil, tendo sido um dos principais nas operações contra o régulo Karropa-Memo e outros.

Em 1904 seguiu para Matibane para subjugar o xeque Xá-Mamudo e o Régulo Napipe de Kinga.

Nos anos seguintes montou postos militares na Ligéria, no Lirpso, Carrane, Nampula, etc., dominando vários régulos.

Em 1910, foi chamado a reunir 5 000 homens para bater Angoche, conjuntamente com o governador de Moçambique, Massano de Amorim.

Organizou em 1913 uma coluna de 4 000 homens de infantaria e artilharia para atacar os Namarras, enquanto outros 7 000 os atacavam do lado oposto. Em Setembro, seguiu para Mutual para montar o posto mais distante do Distrito, a cerca de 400 Km do litoral. Assim terminavam as guerras de ocupação de Moçambique, com a rendição de todos os régulos.

Em 1913 foi nomeado capitão-mor interino de Mos-suril e, três anos depois, reassumiu o cargo de capitão-mor da Macuana.

Quando em Abril desse ano estava para vir à Metrópole a fim de fazer o tirocinio de major, o governador do Distrito anulou-lhe a viagem para o integrar na Campanha do Niassa. Fez parte depois doutra coluna que actuou na Macimboa da Praia e na região de Maconde, mandou construir estradas (146 Km) para camiões e automóveis em ordem a combater os alemães que ali se haviam infiltrado.

Por decreto de 15-9-17 foi dispensado das provas de aptidão para o posto de major, com prémio de tão prestimosos serviços.

Na Escola Preparatória de Figueiró dos Vinhos (de que é patrono) e na Sala de Sessões da Câmara da mesma vila, pode admirar-se a sua fotografia de major, com um número impressionante de galardões obtidos em campanha.

A Sociedade de Geografia, em Junho de 1941, reuniu-se em sessão solene para lhe prestar homenagem. Falaram, então, o saudoso dr. Fernando de Lacerda, o vice-almirante João de Azevedo Coutinho e Carlos Selvagem. O Chefe de Estado, Marechal Carmona, também presente ao acto, colocou ao peito do grande herói de África as insígnias da Comenda da Ordem do Império Colonial. Foi o único

(Continua na pág. 2)

RECORDAÇÃO



Aqui fica para a posteridade a fotografia de todos os meninos e meninas que fizeram a sua Comunhão Solene e Profissão de Fé no ano de 1979.

Que nunca esqueçam a doutrina de Jesus que aprenderam na Catequese e a vivam ao longo dos seus dias neste mundo.



Mãe

Ai, tantas vezes no teu ombro chorei
As desilusões e sonhos perdidos!
Teus conselhos eram logo esquecidos,
e só mais tarde neles bem meditei.

Agora, presa das garras que mal amei!
Ajuda-me, mãe, com tua meiga voz
A enfrentar a vida, quão difícil e atroz,
E encontrar a Felicidade que sonhei.

Será tarde de mais? Estou perdido aqui!
Tua lição d'amor agora quero lembrar,
Como lembro o último dia que te vi.

Oh! Quero abraçar-te, estar junto de ti,
Mãe querida, para aí encontrar
A felicidade que neste mundo perdi!

C. A. MENDES SIMÕES

Notícias Regionais

Pela Ribeira Velha

Foi baptizado, no dia 4-8-79, na Igreja de Campelo o menino Alcides Fernando Rodrigues Francisco, filho primogénito dos srs. Vitorino Simões Francisco e D. Maria Alzira de Jesus Rodrigues Simões, residentes neste lugar.

Foram padrinhos os srs. Francisco Rodrigues Garcia e D. Maria Otília de Jesus Rodrigues Garcia. A todos desejamos felicidades.

COMISSÃO DA CAPELA

No passado dia 12 de Agosto, foi eleita a Comissão da Capela da Ribeira Velha, que ficou constituída pelos seguintes senhores: *Artur Assunção Pereira Martins, Vitorino da Graça Simões e Manuel da Graça Simões.*

Por se tratar de pessoas competentes, o Pároco de Campelo aceita e confirma esta Comissão que tem por missão administrar os bens da Capela desta povoação, assim como os saldos das Mordomias das Festas de N.º Sr.ª de Fátima, sempre sob o parecer favorável do respectivo Pároco.

Esta Comissão, por lei, nada tem a ver com a Comissão de Melhoramentos, que até pode ser integrada pelos mesmos elementos, mas com livros e contas à parte. Quanto a esta de Melhoramentos, o Pároco nada tem a ver já que se trata duma organização dos moradores.

Esperamos que isto seja compreendido pelos naturais e residentes para bem da população, sem confusões nem confusionistas.

Por Alge

FESTA

O luto de diversas famílias não deixou que a nossa Festa tivesse a alegria costumada. Entretanto, os senhores mordomos tudo fizeram para que o brilho da festividade não se ofuscasse.

Correu tudo dentro do que era de esperar do bom Povo de Alge.

BAPTIZADO

No dia 13-8-79, foi baptizado na nossa Igreja a menina Sónia Maria, filha dos srs. Armindo de Jesus Varandas e D. Maria de Fátima Marques Francisco, naturais do Singral e Alge, respectivamente, e residentes em Lisboa.

Apadrinharam a neófito os srs. Armando Marques Francisco e Maria Luísa de Carvalho Paiva, solteiros, e também residentes em Lisboa.

Felicidades.

ESTRADA

Em poucos dias este povo viu a sua estrada de ligação a Campelo e Espinhal alcatroada. Foi uma surpresa que o sr. Presidente da Câmara quis oferecer a estas gentes ordeiras e trabalhadoras.

Por Eiras

No dia 13-8-79, foi baptizado o menino Paulo Jorge, filho dos srs. António Maria e D. Aurora de Sousa Maria, residentes nesta povoação.

Foram padrinhos os srs. Jorge Manuel da Piedade Mendes e sua esposa D. Maria Leontina Pereira Rodrigues Mendes, residentes em Casal de Cambra.

Bom futuro.

Pelo Singral

MELHORAMENTOS

É de facto admirável o que esta gente bairsta do Singral tem feito pela sua Terra: *abertura de novo*

traçado — e bem largo — da estrada para a Catraia; arranjo da estrada para Alge (deslocaram-se aqui cerca de 20 homens para o fazer com os seus braços); restauração completa da Capela de S. Tiago; construção dumas «almi-nhas de grande porte; alargamento do largo da Capela; e reparação das ruas da aldeia. Demasiado para tão pouca gente.

Pelo que se vê, este Povo merece ser ajudado pelas Entidades Autárquicas: Junta de Freguesia e Câmara. O que fez saiu do seu dinheiro e suor.

A Câmara já mandou fazer o projecto da nova estrada Alge — Singral e esperamos que breve o mande executar. Esta gente merece-o.

FESTA

Correu muito bem a Festa de S. Tiago. A Comissão que a levou a efeito portou-se à altura, tendo o Pároco ficado contente com o modo ordeiro como decorreu.

Parabéns.

Serão mordomos para o próximo ano os srs. Delfredo dos Santos Pereira e Valdemar Eduardo Lourenço, que este ano, por estarem de luto, a não puderam fazer.

Pelo Fontão Fundeiro

Os mordomos que levaram a efeito a Festa de N.º Sr.ª da Saúde apresentam as seguintes contas:

Receita	404 584\$00
Despesas	211 184\$00
Saldo positivo ...	193 400\$00

Representa de facto muito trabalho e só foi pena que ofuscassem a Festa por se oporem ao cumprimento das ordens que lhes haviam sido transmitidas pelo Pároco.

Esperamos publicar as contas da Capela num dos próximos números. Para isso, pedimos à Comissão administrativa que no-las envie, logo que possa.

Pela Carapinheira do Campo

No dia 15-7-79, realizou-se, na Igreja desta freguesia, o casamento de Maria Isabel dos Santos Calçada, filha de Manuel Henriques Calçada e D. Maria dos Santos Duarte, natural do Fontão Fundeiro, com José Pedro dos Santos Branco.

Foram padrinhos da noiva os srs. José dos Santos Duarte e D. Alice Góis Dinis; do noivo, os srs. Adolfo Pinto e D. Lurdes Helena Rato.

No fim da cerimónia foi servido um luto banquete a 180 pessoas convidadas, no Restaurante Sete Fontes, da Mealhada, pago pela tia D. Cidalina dos Santos Duarte Martins.

Felicidades ao novo lar e seus pais.

Por Campelo

Decorreu muito bem a Festa de N.º Sr.ª da Graça de Campelo. Os mordomos esforçaram-se e conseguiram que o programa fosse atraente e motivasse assim as pessoas a comparecerem.

Até a televisão aqui esteve a colher imagens que já foram transmitidas, levando esta linda região ao conhecimento dos portugueses. Parabéns aos mordomos.

FALECIMENTOS

Tivemos conhecimento da morte dos srs. Armando Ferreira Lou-

O povoamento, em tempos remotos, de Terras de Campelo

I

Vimos, no último artigo dedicado ao povoamento pré-romano, que houve duas zonas da Freguesia de Campelo habitadas por esses povos.

A toponímia «castelo» — pequeno castro — assim o atesta. O Castelo de Vilas ainda hoje é habitado, assim como o de Alge. Com o tempo a população aumentou e foi-se espalhando pelos terrenos mais férteis.

Foi com o domínio romano na região que os povoados desceram das ásperas serranias para as terras de planície. A própria casa mudou de aspecto: em vez de palhoça redonda com tecto de colmo, aparece a habitação de pedra ou de tijolo cozido, coberta de telhas de tipo parecido com o que chamamos hoje telha portuguesa.

Os novos senhores romanos obrigavam as populações ao pagamento de imposto, mesmo as que se mantinham lemosamente nos «castelos». Foi assim que as terras começaram a ter um dono: um soldado romano aposentado, um imigrante italiano ou mesmo um lusitano romanizado. Em alguns casos esses campos continuavam a ser amanhados por trabalhadores semi-livres, que as possuíam hereditariamente e entregavam uma parte da produção ao senhor da «Vilas».

Para facilitar o transporte dos géneros e a circulação das pessoas foi construída já nesse tempo — há mais de mil e setecentos anos — uma formidável rede de estradas, que serviu um muitos casos até ao século passado. Sabemos que na nossa região foi rasgada uma estrada vinda de Coimbra para Castelo Branco. Perto da Venda das Figueiras deixava a estrada de Tomar, subia para a Serra da Abrunheira — Aguda, descia pelo Fato até à Ponte de S. Simão (ainda hoje lá estão os restos da antiga ponte romana, embora várias vezes reconstruída), seguia daí por Figueiró dos Vinhos até Pedrógão, aonde se vê ainda o seu traçado a descer para o Zêzere (onde se pode admirar a antiga ponte romana, embora reconstruída no tempo dos Filipes, por a anterior ter desabado com uma cheia). Daí subia a Serra de Pedrógão Pequeno, etc., etc., até chegar a Castelo Branco, onde entroncava com outra.

Em 411 entraram no nosso território «português» (nesse tempo, Portugal ainda não existia como nação) bandos enormes de Alanos, Vândalos e Suevos, expulsos das suas terras pelos Hunos. O povo dos campos, escravizado pelos Romanos, já se tinha convertido ao Cristianismo e, por isso, não tolerava a escravatura a que estava sujeito. Via na vitória dos Bárbaros sobre os Romanos o dedo de Deus e a aurora da libertação.

Em 416 aparecem neste nosso território os Visigodos, enviados pelos Romanos para expulsarem aqueles povos. Depressa os venceram e se assenhoriaram das terras e se estabeleceram nos quadros sociais e económicos implantados pelos Romanos. O Povo novamente estava a ser explorado e escravizado pelos

renço, de Campelo, e Manuel Henriques da Conceição, de Alge. Por falta de elementos, deixamos a notícia mais desenvolvida para o próximo número. Desde já os nossos pêsames às famílias enlutadas.

Por Figueiró dos Vinhos

Muitos têm sido os incêndios neste concelho, trazendo as populações inquietas. Fala-se em incendiários, mas o certo é que até agora não temos conhecimento da prisão de nenhum.

Nos dias 4 e 5 arderam muitas dezenas de quilómetros quadrados de arvoredo e searas nas regiões de Arega, Casal de Alge, Enchecamas, Vale do Rio, Carapinhal, etc. Arderam mesmo algumas casas e uma senhora ficou carbonizada.

A vigilância das autoridades e das populações tem que se acentuar de modo a capturar os incendiários e dar-lhes o merecido castigo.

PARQUE INFANTIL

Situado no Jardim-Parque da vila, como já noticiámos, foi inaugurado em 29-7-79.

Estavam presentes centenas de pessoas e foi servido um lanche a todas as crianças que ali se deslocaram de diversos pontos do concelho.

Parabéns à Câmara e às crianças.

novos senhores das «vilas». A chegada dos Mouros quase se não notou aqui, a não ser em episódicas lutas e devastações.

Mas o que são as «vilas»?

São quase sempre o conjunto de vastas áreas de cultivo, outrora cultivadas pelos habitantes dum castro ou castelo, de que se assenhoreou um determinado senhor, colocando ao seu serviço mão-de-obra escrava ou então os antigos habitantes que lhe pagavam uma prestação anual. As «vilas» rústicas tinham casas para os donos e trabalhadores, armazéns, celeiros, adegas, lagares, fornos, cortes para animais (que era assim que chamavam aos currais), depósitos para as alfaías agrícolas, etc..

Como facilmente se vê, a região de Vilas de Pedro está nestas circunstâncias: antiga povoação castrense — Castelo; Fonte da Corte — fonte ao pé dos currais dos animais, onde eles bebiam; Casas Velhas — onde certamente principiaram por ser as habitações do pessoal, celeiros, armazéns, etc.; Ribeiro do Coito — o que limitava um Couto, isto é, uma terra isenta de pagar impostos ao Rei ou mesmo de prestar serviço militar. O lugar do Coito assim o atesta, pelo nome que conservou.

Sabemos que, pouco depois de Afonso Henriques, o termo vila passou a designar uma povoação sede de Município ou Concelho, pelo que o nome de Vilas de Pedro, assim como Vila Facaia, é anterior e está aplicado no sentido vulgar da romanização.

Quem era este Pedro?

Não sabemos. Assim como desconhecemos quem era o Vicente do Vale do Vicente, ou o Salgueiro ou a(o) Lameira do Vale Salgueiro ou do Vale da Lameira. Sabemos que havia na região muitos «VALES». Ainda há pouco estavam também habitados o Vale de Maços e o Vale das Ameixieiras.

Também sabemos que estes «vales» são terras de cultivo defendidas por uma vala ou um muro. Podem ficar em vales ou não. É também nome que nos aparece no princípio da nacionalidade com este significado (séc. XII e XIII), e por isso dá-nos bem a ideia do povoamento desta região em tempos remotos.

Há nesta região ainda nomes de povoações — Casal e Aldeia Fundeira — que denunciam um povoamento bastante disperso. Casal e aldeia, na sua origem, significam povoações com uma só casa. Aldeia é mesmo originariamente um nome mouro para designar o mesmo que casal. Aqui, é capaz de ser da altura dos mouros.

O povo ainda hoje chama a toda a zona — desde o Vale do Vicente até ao Coito ou Entre-Águas — o «ribeiro». Não querará isto dizer que outrora todas estas terras eram pertença duma única família ou sujeitas ao mesmo estatuto legal? Não são estas as «vilas» do Pedro, que pouco a pouco passam para a posse dos trabalhadores, pagando os dizimos até 1834, data da extinção dos forais? Quem sabe?...

TRESPOSTOS



MARIA JOSÉ SIMÕES Agradecimento

Seu marido, filho, nora, netos e mais família agradecem do coração, por este meio, e por não o poderem fazer individualmente, a todos os que acompanharam à sua última morada a sua saudosa e querida mulher, mãe, sogra, avó e parente, envolvendo neste agradecimento todos aqueles que durante a sua doença manifestaram por ela o seu carinhoso interesse.

Falta de espaço

Recebemos do Barreiro uma carta assinada pelo sr. José Maria Relvas, que por falta de espaço não é publicada. Esperamos publicá-la no próximo número. Pedimos desculpa.

Vende-se casa em Alge

Tratar em Sacavém — R. dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 36.

Neutel Simões de Abreu (Continuado da pág. 1)

a receber tal Comenda em vida. E bem o mereceu, pois a sua acção militar a todos impressionava. Os nativos julgavam-no um deus, a quem por mais que se esforçassem nunca poderiam fazer mal. Os colegas admiravam a sua coragem e inteligência que sempre demonstrava nas operações mais arriscadas.

Talvez não seja o tipo de herói que hoje se aprecia, mas foi um homem que soube sê-lo segundo o seu tempo. Os próprios que hoje desprestigiam tais acções de ocupação dos territórios coloniais são os herdeiros da ideologia política que nesse tempo os encorajou e apoiou activamente.

Lembre-mos-nos que foi sobretudo a 1.ª República que fez a campanha de colonização do antigo ultramar português.

Nenhum figueirense, que o seja de coração, poderá menosprezar o herói Neutel de Abreu, que soube honrar a Terra onde nasceu e o viu desaparecer em 8/12/45.

FALA UM MÉDICO

(Continuado da pág. 1)

1.º — Uma mãe que, num incêndio, para se salvar, abandona uma criança de peito no berço;

1.º — Uma mãe que, tendo um filho pequeno caído num charco de água, não o socorre, ainda com risco da própria vida;

3.º — Uma mãe que, num naufrágio, deixa o bebé e trata de se salvar;

4.º — Uma mãe que, perseguida por uma fera, atira a criança ao chão para que, enquanto a fera devora o bebé, tenha ela tempo de se refugiar.

E termino com um caso clínico.

Aparece-me, um dia, na minha consulta uma mulher apavorada, apertando ao peito, dentro de um cobertor encharcado, um filho de 2 ou 3 anos. A mulher queria saber se o filho estava bem. Dela não queria saber, que vinha toda encharcada e a tossir.

Tinha acontecido que estava de férias numa aldeia perto e que o filho tinha caído dentro de uma poça funda, cheia das águas da chuva. Ela, que estava perto, nem pensou na profundidade da água e atirou-se a socorrer o filho. A poça tinha mais de 2 metros de água, e ela, mãe, não sabia nadar.

Foi uma heroína, dirão os que defendem o aborto terapêutico. Eu direi: ela era mãe, e cumpriu o dever normal de uma mãe, que é o de proteger a vida dos filhos, com risco da própria vida. O seu heroísmo é o heroísmo a que pela carne, pelo coração e pela alma racional, estão obrigadas todas as mães. É o heroísmo obrigatório de todas as mães: proteger e salvar os filhos mesmo com risco da própria vida.

Todos os animais dão prova deste sentido de protecção dos filhos. Até as galinhas!!!

Mães que deixam matar os filhos das suas entranhas para salvar a sua vida, ou para preservar a sua saúde, ou para não ter que suportar o sacrifício de um filho anormal cometem um crime hediondo!

Que não se esqueçam as mães de que existe outra vida, e que as crianças mortas em nome do aborto terapêutico têm uma alma que vive na eternidade, e que, perante Deus, são, por si mesmo, testemunhas clamantes de acusação.

Termina aqui o testemunho de um médico.

O que Hitler e Estaline fizeram, em brutalidade, para a depuração das raças ou pela formação de elites humanas, pretende-se agora com o requinte clínico do aborto terapêutico. Só os meios mudaram. O fim é o mesmo. Em moral os meios não justificam os fins.»

E. S.

RECONHECIDA OFICIALMENTE UMA CURA EM LOURDES

O Bispo da diocese de Angers, após aturado estudo de especialistas médicos, reconheceu oficialmente o carácter milagroso de uma cura verificada no Santuário de Lourdes em princípios de Maio de 1970. De facto, Serger Perrin, de 48 anos, desde 1964 que sofria de uma paralisia devida a obstrução da carótida, a qual ainda punha em grave risco a sua capacidade de visão. Em 1970, no dia 1 de Maio, participou numa peregrinação a Lourdes, donde voltou completamente curado, pois não só via perfeitamente como se podia movimentar à vontade.

A partir dessa data, o Senhor Perrin tem mantido uma vida absolutamente normal sem qualquer recaída, tendo os médicos que o trataram considerado a cura como inexplicável. No ano passado, o Bispo de Angers nomeou uma comissão canónica para estudar o caso, a qual entregou o seu parecer no mês de Maio. Foi a partir desse parecer que o Bispo de Angers acaba de reconhecer oficialmente o carácter milagroso da cura.



Ria...
que só
faz bem

O Juiz: — Vai ler-se, ao réu, a lista das suas condenações!

O Réu: — Então V. Ex.ª permite que me sente?

No quartel:

O sargento: — Quem foi o idiota que disse para andares a varrer?

O soldado: — Sargento, foi o ajudante!

O sargento: — Seis dias de detenção por teres chamado idiota ao ajudante!...

QUEM TROCAR NOMES É...

Houve no Porto, um empregado chamado Verde.

Certo sujeito, com pretensões a engraçado, costumava trocar-lhe o nome, quando lhe falava:

— Adeus, ó vermelho! Adeus, ó amarelo; Adeus ó azul!

Um dia estava o Verde à porta de uma loja, passa o engraçado e diz:

— Adeus, ó cinzento!...

— E o verde replica:

Adeus, seu troca-tintas!

ADIVINHAS

1 — Tem rodas, não se desloca; Tem pés, não pode correr; Não tem dedos nem dedais Mas sabe muito bem coser.

2 — Às tantas da noite chegam duas senhoras a um Hotel de 5 estrelas, a pedir um quarto para pernoitar. A situação das senhoras é arrelhiadora, porque não há nenhum quarto livre.

— Que horas são? — perguntam ao porteiro. E este, querendo fazer-se engraçado, diz:

— A situação em que as senhoras se encontram coincide com a hora actual!...

Que horas eram?

N. B. — Quem quiser, pode enviar pelos C.T.T. a resposta a estas adivinhas. Temos um prémio surpresa para sortear pelos acertantes.

A TÁCTICA COMUNISTA NO MOMENTO PRESENTE

«Não faltam políticos a fazer namoro aos católicos. Mas não é o casamento que lhes interessa: tão somente o dote, concretizado no voto e outros apoios».

São estas, as palavras do Sr. D. Eurico Nogueira, proferidas na sua recente visita pastoral a Maximinos. Com elas, o Sr. Arcebispo Primaz de Braga veio esclarecer uma insidiosa ideia, que subtilmente se está propagando entre nós: a de que se pode ser cristão e ao mesmo tempo marxista.

Com efeito, continua a seguir afirmando que tal «casamento (dos católicos com os marxistas) estaria condenado a rotundo fracasso: pois jamais poderá haver comunhão de bens entre sistemas diametralmente opostos, como é o materialismo marxista e o espiritualismo cristão».

Já anteriormente o Sr. Bispo do Porto tinha tomado posição idêntica, declarando publicamente a impossibilidade de conciliação entre o ser cristão e o ser marxista.

Os comunistas de dentro e fora do País conhecem perfeitamente esta posição da Igreja. Por isso, adaptam-se às circunstâncias de cada país, pondo em prática a táctica que melhor sirva os seus objectivos. Uma coisa é certa: é que não desistem dos seus fins.

Se a luta não convém seja clara, como por exemplo em Moçambique e em outros países, comunistas, onde são governo e têm na mão toda a máquina da cultura, da economia e do poder, usam outros meios de acção, mais subtils decerto, mas desgastantes dos princípios religiosos ou morais, mais ou menos ligados àqueles.

A primeira ideia, que os comunistas portugueses se esforçam por divulgar entre nós, é a de que há liberdade religiosa nos países de regime comunista, mentindo assim ao povo português. Seria longo enumerar as diversas formas de perseguição aos crentes. São de toda a ordem, mas sempre adaptadas às circunstâncias de cada povo.

Entre nós, há por aí militantes comunistas que não faltam à missa dominical, nem por vezes à comunhão. É uma táctica de amolecimento da opinião pública, de modo a tentar destruir o anti-comunismo do povo português.

Outras vezes, trata-se de uma infiltração nas estruturas católicas para as corromper por dentro. É o caso de uma paróquia nortenha, onde duas raparigas, fazendo-se muito praticantes conseguiram ser catequistas. Entretanto, numa das lições deixaram ver o marxismo que as dominava ao ensinarem que os cristãos dos primeiros tempos foram perseguidos e muitos deles mortos, mas que isso tinha sido um bem, pois eram «fascistas»...

Há quem se admire ao observar o facto de católicos, muito praticantes antes do 25 de Abril, abandonarem toda a ideia religiosa depois e se tornarem ateus militantes ao serviço do comunismo. Em grande parte dos casos tudo isso se explica porque eles não mudaram de ideias. Eles já eram marxistas, camuflados de católicos. Eram «submarinos» a minar a estrutura da Igreja.

Presentemente a táctica comunista ficou bem definida pelo próprio Álvaro Cunhal há semanas em Braga, quando afirmou respeitar o comunismo as liberdades religiosas. O que ele não explicou bem foi até que ponto vai esse respeito pelas liberdades religiosas, nem explicou como surgiu no período gonzalvista a ideia do filme «Horas de Maria», ou por que razão os comunistas apoiaram o divórcio, lutam pela legalização do aborto, votam contra o ensino particular (a maior parte dele nas mãos da Igreja) e nada fazem contra os programas televisivos, injuriosos da fé cristã, nem se preocupam pela morigeração dos costumes na promoção da sociedade portuguesa.

Mas não há que estranhar: esta é a táctica dos partidos comunistas em qualquer parte do mundo.

O VELHO, O RAPAZ E O BURRO

O mundo ralha de tudo, tenha ou não tenha razão; quero contar uma história, em prova desta asserção:

Partia um velho campónio do seu monte ao povoado: levava um neto que tinha, no seu burrinho montado.

Encontra uns homens, que dizem: — Olha aquele, que tal é! Montado o rapaz, que é forte, e o velho trôpego, a pé!

«Tapemos a boca ao mundo» — o velho disse: — «rapaz, desce do burro, que eu monto, e vem caminhando atrás.»

Monta-se, mas dizer ouve: — Que patetice tão rara! O tamanhão, de burrinho, e o pobre pequeno à pata!

«Eu me apeio» — diz, prudente, o velho, de boa fé; — «vá o burro sem carregos, e vamos ambos a pé.»

Apeiam-se, e outros lhe dizem: — Toleirões, calcando a lama! De que lhes serve o burrinho? Dormem com ele na cama?...

«Rapaz» — diz o bom do velho: — «se de irmos a pé murmuram, ambos no burro montemos, a ver se inda nos censuram.»

Montam, mas ouvem dum lado: — Apeiem-se, almas de breu! Querem matar o burrinho? Aposto que não é seu!

«Vamos ao chão» — diz o velho. — «Já não sei que hei-de fazer! O mundo está de tal sorte, que se não pode entender.

É mau, se monto no burro; se o rapaz monta, mau é; se ambos montamos, é mau; e é mau, se vamos a pé!

De tudo me têm ralhado! Agora que mais nos resta? Peguemos no burro às costas; façamos inda mais esta!»

Pegam no burro. O bom velho pelas mãos e ergue do chão; pega-lhe o rapaz nas pernas, e assim caminhando vão.

— Olhem dois loucos varridos! (Ouvem com grande sussuro) «Fazendo o mundo às avessas! Tornados burros do burro!

O velho então pára e exclama: — «Do que observo, me confundo! Por mais que a gente se mate, nunca tapa a boca ao mundo!

Rapaz, vamos como dantes; sirvam-nos estas lições. — É mais que tolo quem dá ao mundo satisfações.»

CURVO SEMEDO



ACIDENTES DE VIAÇÃO

No ano passado, nada menos de 45 330 acidentes se deram, com 2 173 mortos e 35 975 feridos.

Como elementos de comparação, damos a seguir os números dos últimos sete anos: 1972 — 35 715 acidentes, 1 695 mortos e 34 355 feridos; 1973 — 39 521, 2 086 e 32 357; 1974 — 38 942, 1 961 e 30 557; 1975 — 45 985, 2 676 e 40 576; 1976 — 42 456, 2 594 e 36 264; 1977 — 41 753, 2 153 e 35 047; 1978 — 45 330, 2 173 e 35 975.

Repare-se que, quanto a mortos, a média, por cada 1 000 acidentes, foi de 47,9, em 1978 e de 61,1, em 1977.

SALÁRIO MÍNIMO

Na última reunião do Governo de Mota Pinto ficou decidido o aumento do salário mínimo nacional de 5 700 para 6 900\$00 mensais. O salário máximo dos gestores públicos foi fixado em 70 contos.

AUTO-ESTRADA DE COIMBRA

O Conselho de Ministros aprovou o lançamento do troço da auto-estrada entre Condeixa e Coimbra (Troxemil), que foi adjudicada por 1 300 000 contos.

Esta importante obra, que per-

mitirá descongestionar o difícil atravessamento da cidade de Coimbra, deverá abrir ao tráfego em 31 de Dezembro de 1981.

PONTE SALAZAR

Desde a inauguração da ponte sobre o Tejo, em 6 de Agosto de 1966, a 30 de Junho findo, atravessaram-na mais de 125 milhões de veículos nos dois sentidos.

Esse movimento (exactamente 125 576 230 veículos) representava uma receita de dois milhões e 711 mil contos.

A ponte de 25 de Abril teve o seu maior movimento em 1978, com 16 504 789 veículos nos dois sentidos.

O movimento tem vindo a aumentar todos os anos, regularmente, desde os três milhões e meio registados em 1967 — primeiro ano após a inauguração.

MAIS UM GOVERNO

Deve passar na Assembleia da República o Governo de Maria de Lurdes Pintassilgo, colorido de comunista-socialista.

Entretanto, a Assembleia da República será dissolvida, para se seguirem novas eleições.

Esperamos que o nosso Povo não fique em casa e vote por Partidos capazes de trazerem estabilidade a Portugal.

JUVENTUDE-79



HOMENS NOVOS

*Homens novos criadores da história
Construtores de nova humanidade
Homens novos que vivem a existência
Com o risco de um longo caminhar.*

*Homens novos lutando em esperança
Caminhantes sedentos de verdade
Homens novos sem freios nem cadeias
Homens livres que exigem liberdade.*

*Homens novos amando sem fronteiras
Superando a raça e as nações
Homens novos ao lado dos mais pobres
Partilhando com eles tecto e pão.*

JOVENS?

- * Perdem-se no labirinto dos gritos que, em música, as «baixes» lhes vomitam,
- * gastam-se no tempo que as mesas de café lhes consomem,
- * Fazem esgares entre um «copo» e uma piada na «tasca» da esquina,
- * Arrastam-se pelas ruas, noite fora, à procura de nada,
- * Vêem filmes seguidos, já sem olhos,
- * Queimam-se em experiências frustrantes que lhes deixam nas mãos a areia da desilusão,
- * Interrogam-se porquê e para quê o tudo do quotidiano?...

Onde o sorriso alegre de quem tem a vida nas mãos para a oferecer a todos?
Onde o ideal puro que dá asas ao sonho e constrói o amanhã?
Onde o amor repartido na mesa comum da humanidade a transformar?
Onde a frescura das palavras e dos gestos que não se distorcem com a dureza da vida?
Onde o risco, a escalada, a aventura...

Desde a juventude do mundo que o homem abusou da sua liberdade, erguendo-se contra Deus e pretendendo alcançar o próprio fim à margem do seu projecto criador.

(G. S. 13)

O segredo de ser sempre jovem — mesmo quando os anos passam, deixando marcas no corpo — o segredo da perene juventude de alma é ter uma causa a que dedicar a vida.

Com 20 anos, sem sombra de ruga ou de cabelo branco, é possível ser um vencido da vida, um pessimista, um velho! Quem pergunta a si mesmo, sem encontrar resposta válida, o que é afinal a vida e que motivos podem ser invocados para enfrentá-la com decisão, está com a juventude correndo risco...

(Textos de D. Helder Câmara in «O Deserto é fértil»)

RESPONSABILIDADE SOCIAL NA DIFUSÃO DO ALCOOLISMO

No final de um recente encontro sobre «Sociedade e Alcoolismo», a Cáritas Espanhola tornou público um Comunicado, onde denuncia abertamente a forma como o alcoolismo é permitido e até estimulado por uma sociedade que não se cansa de apregoar a dignidade do homem e os direitos humanos. Ao mesmo tempo, a Cáritas Espanhola, fazendo-se intérprete de tantos indivíduos e famílias que sofrem as consequências do abuso das bebidas alcoólicas, condena energicamente a passividade e inibição dos governantes e políticos face a este problema.

Passando a apontar caminhos a seguir numa ampla campanha de luta contra o alcoolismo, a Cáritas salienta a urgência de:

— Um esforço generalizado de informação, esclarecimento e prevenção sobre o alcoolismo, apresentando claramente os seus riscos, sensibilização que deve ser desenvolvida a partir da infância e adolescência.

— Publicar as consequências pessoais, familiares, sociais e de trabalho, com base no abuso do álcool.

— Dar a conhecer as estatísticas sobre as vítimas e os custos sociais do alcoolismo.

— Finalmente, despertar a consciência da sociedade que se esforça por ignorar o

problema dos alcoólicos, sacrificando-os aos interesses económicos, e não os olhando como doentes, mas preferindo apresentá-los e vê-los como viciados ou culpáveis mercedores dos males que sofrem.

Avançando mais concretamente ainda numa linha de resposta ao desafio do alcoolismo, a Cáritas Espanhola lança um apelo ao governo, aos responsáveis políticos e aos sindicatos, para que, atentos aos problemas do alcoolismo, se comprometam num esforço urgente que leve:

— A uma mentalização da opinião pública para a prevenção do abuso do álcool;

— A uma legislação completa sobre a produção, distribuição, consumo e abuso do álcool;

— A incluir as pessoas vítimas do alcoolismo entre as doenças atendidas pela Segurança Social;

— A elaborar um programa de formação para profissionais, médicos, assistentes sociais, etc., que possam tratar tecnicamente o grave problema do alcoolismo;

— A rever os Centros de recuperação e tratamento dos alcoólicos;

— A controlar e rever a publicidade das bebidas alcoólicas nos meios de comunicação social, particularmente na televisão.

Maus dentes significam má saúde

«Uma dor de dentes, uma noite em claro, eis o que, muitas vezes, acontece quando não se cuida convenientemente dos nossos melhores amigos, os dentes.

Isto porque devemos procurar o dentista mal surge a primeira dor, e não quando vemos que estamos com a dentadura completamente estragada, necessitando de uma urgente «terceira» dentição!

Uma simples infecção dentária, um granuloma que se esconde na raiz de um dente, podem ser as causas de muitos males, que o médico não pode debelar sem que antes haja o exame criterioso de um dentista.

Um reumatismo que se instala nesta ou naquela articulação, uma dor de cabeça permanente, uma sinusite, podem ter como causa uma infecção dentária.

O exame periódico dos dentes desde criança, feito sistematicamente pelo menos duas vezes por ano, resolve, na maioria dos casos, certos malefícios que poderiam progredir sem que nunca se pudesse atinar com a causa.

A queda dos cabelos, as dores renais e muitas outras mazelas podem ter como causa uma infecção dentária, que quase sempre se instala sem que tomemos conhecimento dela, a menos que se proceda a um exame periódico ao dentista.

Muitos e muitos casos são verificados em pessoas que não sentem a mínima dor de dentes mas que a radiografia vem acusar um granuloma de um abscesso infeccioso, causador de males muitas vezes fáceis de tratar.

Não basta, portanto ir ao dentista simplesmente quando nos dói um dente, quando passamos uma noite mal dormida ou quando já temos que fazer a extracção total dos dentes para a colocação de uma «terceira» dentição.

Os dentes constituem, sem dúvida, um dos elementos de real valor de que dispõe o médico para o seu diagnóstico e tratamento.

O primeiro passo a fazer em qualquer mal infeccioso, é radio-

grafá-lo, principalmente aqueles que o dentista suspeita de alguma infecção.

Com esse parecer, o clínico poderá orientar-se melhor e mais conscientemente proceder a um rigoroso tratamento médico.

Maus dentes, má saúde. E é um grande mal deixar-se uma criança

sem comparecer no dentista, sempre que possível. Um dente cariado, uma dentadura deformada, podem ser tratados no seu devido tempo. Mas se abandonados, será tarde de mais. E como é triste a mocidade sem saúde e sem dentes!...

«Diário Popular»

AUMENTO DE ALUNOS NOS SEMINÁRIOS

Segundo os dados estatísticos da Obra Pontifícia para o Clero indígena, vem-se verificando um constante aumento de vocações ao ministério sacerdotal e à vida religiosa nas comunidades cristãs dos países de Missão.

Assim, durante o ano lectivo de 1977/78, os alunos que frequentaram os 244 Seminários Menores dessas regiões atingiram um total de 34.499 jovens, o que significa mais 2.086 que no ano anterior. Por seu lado, os 98 Seminários Maiores acolheram 8.337 candidatos ao sacerdócio, o que corresponde a mais 563 que no ano an-

tecedente. Além disso, o número de ordenações sacerdotais conheceu um aumento de 61 novos sacerdotes.

Estes aumentos situam-se sobretudo na Igreja da República do Zaire, na Nigéria, na Índia, na Indonésia e na Birmânia.

No decurso do mesmo ano lectivo passado, entraram em funcionamento sete novos Seminários Maiores, sendo um na Jugoslávia, 2 no Zaire e um no Malawi, no Alto Volta e na Zâmbia.

Graças a Deus também nos nossos Seminários as entradas de alunos têm aumentado.

HOJE, AGORA

*Jesus!... Tudo está louco!... Impera o mal:
— o roubo; o lupanar; a faca; a bala;
a linguagem reles, avassala,
tudo reduz ao nível animal!...*

*Nos modos de vestir, são carnaval
as pessoas que, outrora, eram de sala;
o amor desvirtua-se, e já não cala
fundo nos corações — é só carnal!...*

*Em lugar de subir, todos desceram:
a prosa, a poesia, artes plásticas,
as artes musicais, são um horror!*

*Cultura, nem existe; a fé... «descreeram»!
Parecem ruminantes, com elásticas;
aturdem-se com droga e com terror!*

PINHO DA SILVA